

IP



LAPSUS

PUBLICAÇÃO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA BAHIA
2011

BA

Editorial

Fui designado pela equipe para escrever o editorial do segundo número de LAPSUS. Então, fui ao dicionário para checar o significado da palavra editorial. É um texto, palavras minhas, que apresenta um ponto de vista de uma equipe ou ainda, um artigo de fundo. Entretanto, um editorial traz sempre também a marca de quem o escreve. Nesta pesquisa inicial tive a idéia de tratar, exatamente, desta tensão. Desenvolver algo meu que pudesse nos representar. Para cumprir este objetivo recorri a um texto de Jaques-Alain Miller que versa sobre o ensino de Lacan e que toca na questão. Selecionei alguns pontos para que possa enfim gestá-lo.

Em um texto intitulado “o rouxinol de Lacan”, Jaques-Alain-Miller apresenta as duas vertentes deste ensino: acumular e repetir e, por outro lado, investigar. Entre as duas, o autor ressalta a segunda como sua marca fundamental, e a aproxima do que seria uma invenção ou apropriação. Complemento fundamental à acumulação/repetição, no sentido de referências necessárias a uma prática, o autor ressalta a pesquisa do novo, a “espera do novo”, do “bom encontro”, disse ele. Trata-se então de preservar a dimensão de insatisfação. Para ele, seria o setor onde se diz que não há nada satisfatório no programa nem nos métodos, nem no que se consegue. Seria o “setor” onde nunca se diz “está pronto”. O autor também afirma que a insatisfação já está por toda parte e, portanto, não é preciso realmente criá-la como um setor. Entretanto, continua, o ensino e a pesquisa devem estar animados por um sonho, via régia para aceder ao inconsciente, como fez Freud. Já o Seminário de Lacan, por sua vez, foi a estrada real para aceder a psicanálise, na medida em que não era um procedimento, não era um método, mas na produção do seminário, se jogava algo do desejo e da culpa.

Miller quando intitula a conferência, o rouxinol de Lacan, faz referência a um texto de Jorge Luis Borges que se chama “o rouxinol de Keats”. O texto é uma defesa do poeta muito criticado por aqueles que debatiam o sentido de suas afirmações. Borges

refere-se ao rouxinol que Keats ouviu no Jardim de Hampstead em 1819, e que, segundo o próprio, é o mesmo rouxinol de Ovídio e de Shakespeare. Miller então corroborando as idéias platônicas de Borges, que afirmava que o indivíduo é de algum modo a sua própria espécie, e que o rouxinol de Keats é também o rouxinol de Rute, resgata a verdade em Keats quando afirma que o que importa é que “o canto do rouxinol o divide como sujeito, o faz experimentar sua mortalidade, o devolve em sua falta em ser.” Por isso, em certo sentido, é o mesmo rouxinol. O rouxinol de Keats é o mesmo que o de Ovídio ou Shakespeare, mas, precisamente, nem Keats é Ovídio, muito menos Shakespeare. Dizendo de outra maneira, chamamos de sujeito ao efeito que desloca, sem parada, o indivíduo da espécie, o particular do universal e o caso da regra. Ou seja, o que denominamos de sujeito é justamente essa disjunção.

Com as idéias deste texto, podemos sintetizar e reafirmar a proposta de **LAPSUS**, que é um espaço criado para possibilitar que novas produções possam surgir, assim como para compartilhar o que esteja circulando nesta Instituição. Um espaço que pretendemos, além de fazer ressoar os significantes que balizam a Teoria Psicanalítica, poder também afirmar a partir daquilo que nos divide pessoalmente. Cada afirmação estará sempre remetida a antigas referências, mas também a nossa experiência singular.

Pois bem, LAPSUS lança sua edição nº. 1 e traz para vocês a primeira parte da entrevista com Sergio de Campos realizada por Fernanda Dumet, Christianni Matos e Ethel Poll. Nesta entrevista, Sergio de Campos, a partir de sua experiência como Analista da Escola, nos fala do percurso do analista dentro da Escola de Lacan. Trazemos também dois textos sobre o autismo, no primeiro, Daniela Cruz faz um comentário sobre o Filme “Temple Grandin” e no segundo texto, Christianni Matos traz algumas considerações a respeito do autismo a partir da Conferência de Eric Laurent proferida no V ENAPOL e de dois textos escritos por ele sobre o tema. Fechamos esta edição, com nosso espaço cultural e informativo, não deixem de conferir!

Encerramos aqui este editorial colocando no horizonte o “ponto sujeito” do indivíduo e a nossa liberdade de ouvir o eterno rouxinol que um dia Keats ouvira no jardim.

Anderson Viana

Sumário

ENTREVISTA	4
Entrevista com Sérgio de Campos	
Realizada por Christianni Matos, Ethell Poll e Fernanda Dumet	
Transcrita e Editada por Fernanda Dumet	
Edição final por Júlia Solano	
NOTAS SOBRE O AUTISMO	9
Comentários sobre o filme: “Temple Grandin – Brilho Eterno de Uma Mente Autista”	
Daniela Cruz	
Considerações sobre os textos preparatórios e conferência de Eric Laurent sobre autismo	
Christianni Matos	
JANELAS DO LAPSUS	13
Janela Cultural	
Rogério Barros	
Janela Informativa	
Rogério Barros	
POESIA	14
Valentinas	
Pedro das Neves	

Entrevista com Sergio de Campos

Realizada por Christianni Matos, Ethell Poll e Fernanda Dumet. Transcrita e Editada por Fernanda Dumet. Edição final por Julia Solano

Sergio de Campos, A.E. (novembro de 2009), Médico Psiquiatra, Mestre em Estudos Psicanalíticos/UFMG, Coordenador da Residência de Psiquiatria do IRS – FHEMIG /Doutorando – UFMG.

Parte 1

A formação e produção do analista.

O analista se forma através da enunciação analisante de sua própria análise. Portanto, formamos analistas através das formações do inconsciente. Porque só assim, há alguma produção analítica, e é na medida em que se forma o analista, que ele vai sendo capaz de fazer sua produção mediante o ato analítico a partir de sua clínica e de sua própria análise, na elaboração de textos e no bem dizer sobre a psicanálise.

A formação do analista se faz por três caminhos distintos, porém, que se inter cruzam: a análise pessoal, a assistência aos seminários e a supervisão. A avenida principal é a análise pessoal. O que faz o sujeito buscar uma análise é seu sintoma. Se tivermos um sofrimento e, uma queixa

juntos, teremos então, a demanda de uma análise.

Num percurso de uma análise, que pode durar meses, anos ou décadas, o sujeito se distancia de suas fantasias, perde as ilusões, deixa de dar sentido aos seus dramas, abala seus modos de gozos que o levava ao sofrimento, soluciona seus impasses sintomáticos, perde a crença na suposição de saber inconsciente para por fim, extrair contentamento e satisfação duradoura para sua vida. Parece muita coisa para se fazer, porém está tudo articulado como num mosaico, e quando o efeito analítico começa operar, tudo cai ao mesmo tempo, pois a neurose é castelo de cartas que o sujeito leva a vida tentando colocar de pé. Assim, no final de uma análise, nós temos um analista mesmo que esse sujeito não seja praticante de análise. Trata-se de alguém que sabe lidar com seus

impasses lançando mão daquilo que restou do processo. Se ele for um praticante da psicanálise poderá colocar essa experiência a serviço de mais alguém além dele mesmo.

O tempo na análise é lógico e opera numa espécie de batimento, pois temos elementos que pulsam de maneira mais lenta, outros de maneira mais rápida. No decorrer da análise o sujeito percebe certa lentidão e certa aceleração no percurso. Numa análise é interessante que se tenha certa alteridade para com a própria análise, que se saiba por onde tem andando com sua associação livre, com seu sujeito suposto saber e aonde deseja chegar, pois não há ato sem consequências. Essa avenida principal, que é a análise pessoal, é condição *sine qua non* para se constituir um analista.

O segundo caminho seria o de assistir os seminários, e paralelo a isso, a realização de cartéis. O Cartel é a célula de combate proposto por Lacan que a Escola possui para combater os efeitos imaginários de grupos. O Cartel é um dispositivo de formação junto com a análise pessoal.

O terceiro caminho é a supervisão. É preciso que o analista tenha um parceiro externo ao caso com quem ele possa consultar, trocar ideias e

se submeter a sua clínica a um controle. Então, podemos sintetizar assim: A formação do analista é permanente e se uma análise tem fim, a formação não.

Produção do analista

Na medida em que o analisante vai se interessar pelas questões da psicanálise, sua teoria, sua prática, sua técnica, sua história, ele vai buscar pessoas que se interessam pelo mesmo tema e ele vai encontrar esses pares, na Escola.

A história da psicanálise é muito interessante, mas longa demais para ser contada aqui. A Escola Brasileira de Psicanálise nasceu em 1995 no Rio de Janeiro, resultado da dissolução de diversos grupos lacanianos no Brasil, se tornando assim o lugar onde se encontram os analistas. O conceito de Escola advém das escolas gregas, de Aristóteles e Platão, enfim ela é inspirada na amizade e na afinidade que os gregos tinham com o saber. Lacan pensou numa Escola em que o analista pudesse se formar e endereçar sua produção a uma comunidade de analistas.

Na medida em que os analistas se reúnem, trocam os resultados aprendidos com seus casos por eles

assistidos, vão materializando uma experiência, dando forma a ela através das palavras, da escrita, da produção de textos que são apresentados em colóquios, encontros e congressos. A profissão de psicanalista serve para dar existência e fazer avançar a psicanálise no mundo, pois a psicanálise é dinâmica e acompanha as mudanças sociais e os efeitos provocados nos sujeitos em cada época. Os psicanalistas são seres encantados pela palavra e apaixonados pela linguagem. Esse elemento é uma marca comum entre eles.

Escola

No que toca a questão da garantia, na “Proposição de 09 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, Lacan introduz elementos que vão fazer a diferença num conjunto de iguais, quando ele introduz a proposição dos gradus, que retira de seus membros um estado igualitário de analistas praticantes. Todos são analistas praticantes (AP), mas com os gradus, Lacan sinaliza que os analistas têm diferentes relações com a psicanálise, ao introduzir as categorias de AE e AME.

Lacan vai então distinguir duas nomeações: o AME, que é o analista membro da Escola, que através do seu

trabalho, do seu percurso, depois de ter dado provas que ele é um analista em Ato, um analista pronto, a Escola o reconhece ao nomeá-lo a “alma” da Escola - L’âme. Aquele que sustenta a Escola sob seus ombros.

A ideia do Ato e da potência refere-se a Aristóteles. Pode-se dizer que se a semente é a árvore em potência, a árvore é a semente em Ato. Portanto, o AE e o AME são duas pontas da mesma formação. Se por um lado, o AME é uma árvore que oferece frutos à Escola, como analista em Ato, por outro, o AE é uma semente, é uma aposta da Escola que ali pode florescer uma nova produção que proporcione novos frutos. Assim, o analista membro da Escola não demanda o título, essa nomeação é feita pelo Outro da Escola em decorrência de um reconhecimento de seu trabalho.

O AE é uma aposta que ali há um analista em potência. Ele tem um tempo de três anos para mostrar a que veio, por que demandou o Passe. Durante três anos a Escola espera que o AE possa ser capaz de transmitir para a comunidade analítica a experiência pela qual ele passou, a partir da sua análise pessoal, seus registros, o modo pelo qual ele solucionou seus impasses de

vida e o aprendizado que extraiu da sua própria experiência.

O AE representa a contingência, a surpresa e a novidade da Escola, pois o AE pode ser uma pessoa completamente desconhecida, nem precisa ser membro da Escola. Há sempre uma dimensão de surpresa na nomeação. A surpresa é importante em cada esfera da vida, pois ela traz o novo, o tempero para Escola sair do *automatôn*, favorecendo o aparecimento da *tiquê* que induz o progresso para a psicanálise. Então, desde a época em que era candidato ao Passe até a sua conclusão, o AE está sempre diante da dimensão da contingência, que pode dizer sim ou não.

Então, o AE está do lado da *tiquê* e o AME está do lado da estrutura do funcionamento, do *automatôn*. O analista ao receber a nomeação de AME, ele é reconhecido pelos membros: “já estava mais que na hora”, “ele tem demonstrado um grande investimento para a psicanálise”, “ele mais do que ninguém é a alma da Escola”. Portanto, há uma unanimidade ali, diferente um pouco do AE que já tem uma dimensão de surpresa –“logo ele?”, “torçamos que ele dê conta do recado”. Portanto, a dimensão da *tiquê*

está mais presente quando temos a nomeação do AE.

O AE se por um lado é uma aposta da Escola, também é uma aposta pelo lado do passante, pois não há nenhuma garantia que ele vá ser sancionado a AE, é uma aposta que ele entra voluntariamente, por sua conta e risco.

Inclusive é uma pergunta que eu tinha em mente o tempo todo: por que fazer o Passe? Eu tinha clareza que ter se submetido a um longo processo de psicanálise foi a coisa mais importante da minha vida, e olha que considero que fiz coisas muito importantes. Portanto, a minha intenção era a de transmitir essa experiência para alguém mais, por isso me arrisquei no dispositivo do Passe. Julguei que apenas o dispositivo do Passe seria o local adequado para endereçar esse material, pois lá teria a oportunidade de dizer o que eu aprendi com a psicanálise. Se eu não o fizesse, essa experiência iria submergir com o tempo, serviria para mim, porém para mais ninguém, pois iria desaparecer e cair no esquecimento. Três anos de contribuição é tempo mais que suficiente para os momentos de registros que interessam à Escola e possam fazer avançar a psicanálise.

**Aguardem a segunda parte da
entrevista com Sergio de Campos na
próxima edição de LAPSUS!**

Comentários sobre o filme: “Temple Grandin – Brilho Eterno de Uma Mente Autista”

Daniela Cruz

A autora, Amelie Nothomb, que conta no seu livro, *A metafísica dos tubos*, os seus primeiros anos de vida, suas descobertas no mundo, da linguagem, das pessoas e da morte, assim como cenas e temas que observamos no filme, nos diz:

O olhar é uma escolha. Aquele que olha decide deixar-se em determinada coisa e, portanto excluir necessariamente de sua atenção o resto de seu campo visual. Por isto é que o olhar, que é a essência da vida, é antes de tudo uma recusa. Viver significa recusar. Aquele que aceita tudo não vive mais que um orifício de pia. Para viver é preciso ser capaz de deixar de situar, num mesmo plano, acima de si, a mãe e o teto. É preciso recusar um dos dois para se interessar pela mamãe ou pelo teto. A única escolha ruim é a ausência da escolha (p. 15-16).

Em uma de suas palestras: *Corpo e Linguagem no autismo*, Daniele Wanderley nos interroga sobre a estranha escolha no autismo de recusar o olhar e a voz do Outro,

objetos pulsionais que permitem a alienação ao Outro e a instauração do campo pulsional, condição necessária para se aceder ao estatuto de sujeito do desejo, ninguém melhor que uma artista autista. Então, como pensar a travessia de autista a artista ou doutora, como Temple Grandin? Marie Christine Laznik (2004) coloca que no autismo a falta de Eros, da presença do Outro, impede a instauração do auto-erotismo e que sem Eros, ao invés de escrever auto-erotismo, escrevemos autismo.

Wanderley continua:

Seguindo sempre o caminho da letra, o que teria tornado possível transformar este significante autista em artista? Como pensar que uma criança que recusa a entrada no mundo da linguagem possa ser reconhecida e até publicar artigos científicos sobre o comportamento animal e ser Phd em ciência animal? Podemos pensar que Temple com sua criatividade e escritos fez um enodamento do imaginário e do

simbólico na tentativa de construir um sentido?

Tomando Lacan como referência sabe-se que no início era o “verbo”, no momento que destacou a importância à linguagem. Do Real ao Simbólico, concluindo ao impossível de dizer. No autismo seria um puro Real. Pode-se pensar como ocorreria o encontro fracassado da linguagem no autismo? Como fazer suplência a um imaginário?

Focalizando o cotidiano de uma criança com o quadro de autismo clássico. Wanderley expõe que: “uma criança que raramente ou quase nunca cai. Um corpo com um domínio surpreendente na função equilíbrio. Um corpo que busca auto-estimular-se com o mesmo, numa repetição infundável de uma mesma sensação, de uma mesma percepção.” Como pode-se observar nas cenas da infância de Temple quando girava seu corpo no balanço do parque durante horas. Percebe-se nos autistas, em geral, “um corpo que apresenta defensividade tátil que se manifesta pela aversão ao toque. Resistência a novas sensações gustativas recusando muitas vezes grande parte dos alimentos.” Estas características podem ser observadas quando Temple apresenta dificuldade de abraçar as pessoas, mesmo sendo sua mãe e na

cena do refeitório da universidade que verbaliza diversas vezes: “eu só como gelatina e iogurte”. Além disso, “é um corpo invadido pelo excesso de estímulo auditivo – a hiperacusia que os impele a tampar os ouvidos frente a um timbre de voz mais agudo, mas que pode suportar alguns ruídos eletrônicos com resistência”. Observa-se isto no filme quando Temple cria recursos para aliviar suas crises de ansiedade e angústias utilizando de instrumentos simples como a sua máquina do abraço o que pode significar uma necessidade de contenção no corpo.

Na questão que se refere a linguagem Wanderley interroga: “a palavra, quando pronunciada, que estatuto teria? Uma palavra que ao ser pronunciada, perde a função mesma da comunicação – uma palavra para ser falada só, para si mesmo. O que a clínica dos autismos nos convoca?”. Identifica-se uma clínica controversa, enigmática e polêmica. Humano este que se desumaniza? Caso preferirmos manter o enigma sobre a etiologia deste fracasso, sem respostas, apesar das diversas pesquisas, que nos coloquemos a disposição ao menos de pensar numa trajetória possível na direção do bem-estar destas crianças. E que diante deste real, possamos simbolizá-lo.

Fala-se em autismos no plural, diante de suas variadas manifestações clínicas quanto suas surpreendentes evoluções. Segundo, Wanderley, precisa-se pensar necessariamente num tripé de sintomas: dificuldades de interação social, de comunicação e tendência a comportamentos repetitivos, estereotipados, e na tentativa de compreender esta intrigante patologia seria importante lançar mão de pelo menos três campos distintos de saber: a neurologia, a psicanálise e a psicolingüística.

Diante de um real, de uma falta de apetência a língua, ou de falhas no processo de interação social, das auditivas, sensoriais, a criança autista se vê invadida por um excesso de real em que outro semelhante não consegue funcionar como suficientemente

assegurador. Assim, diante da ausência de conforto e sossego, da falta de função de para-excitação para o aparelho psíquico, o risco é de desamparo radical. Para concluir, Wanderley, coloca que a função do analista é de proporcionar o encontro deste desencontro, sustentando com seu desejo na aposta de fazer do puro ato, um gesto simbólico, do som inarticulado, uma palavra, uma urgência de sentido. “De um autista, um sujeito suposto ou quem sabe, com muito trabalho e bastante sorte, um artista”.

Deixo uma questão a ser pensada: Autismo que defesa é essa? Neurose – recalque; psicose – foracluido; perversão – desmentido e autismo?

Considerações sobre os textos preparatórios e conferência de Eric Laurent sobre autismo

Christianni Matos

O presente texto tem a tarefa de falar um pouco do que apreendi da Conferência “O que nos ensinam os Autistas”, proferida por Eric Laurent no Colégio dos cirurgiões, Rio de Janeiro, antecedendo ao V ENAPOL. Além

disso, são trazidos os ecos dos dois textos do referido autor, intitulados “O traço autista” e “O futuro dos espectros do autismo”.

Partindo do questionamento “de quê o autismo é o nome?”, Laurent

utilizou-se de diferentes produções escritas de sujeitos autistas, permitindo-lhe compreender a resposta particular que encontraram para tratar o insuportável que lhes invadem. Evidencia-se, logo, a relação particular que os autistas têm com a língua: uma palavra pronunciada pode provocar-lhes horror.

Para Laurent, o corpo do autista goza de si mesmo e é invadido pelo excesso, numa dimensão real onde nada falta. A solução encontrada por esses sujeitos passa pela relação com a letra e os objetos de caráter particular, o que denota a forclusão do buraco: o amor morto.

O trabalho psicanalítico com autistas é o de produzir “a instância da “letra tronco”” como tratamento do acontecimento de corpo. O hyperkinése fundamental do sujeito, tido por autistas ou psicóticos, é uma tentativa de eliminar uma “coisa” que o obstrui, ou seja, de fazer buraco na presença. Para este autor, existe um excesso de presença ameaçadora do Outro nestes casos, e o trabalho dos psicanalistas se pauta no esforço de produzir ausência. O sujeito autista está comprometido com o excesso de presença e o analista pode possibilitar o recurso do buraco, permitindo que se retire do Outro o

significante que lhe falta: trata-se de uma tentativa de produzir vestígios da ausência no Outro.

Segundo Lacan, através do Fort-Da, a criança consegue recuperar a mãe quando ela parte, sendo possível à criança simbolizar a sua ausência, permitindo ao sujeito ter condições de enfrentar uma separação. A isto, Laurent diz se tratar de uma reserva de libido. Este pequeno estoque, fora do corpo, simbólico, permite ao Outro partir, podendo-se preencher a angústia provocada pela saída da Coisa, ou seja, a mãe real enquanto lugar de linguagem que humaniza a criança. A mãe, centro da linguagem da criança, quando se vai, leva consigo os significantes. Se o processo citado acima não ocorrer bem, ela poderá se tornar autista. Só com a reserva de libido, a criança tem a chance de suportar a angústia da ausência da presença, testemunhando sua relação com o significante: não mais como assassino da Coisa, mas sim como ornamento da “A coisa”.

Laurent, ao falar do futuro do espectro do autismo, situa num extremo tudo o que corresponde aos transtornos de comunicação, correspondendo ao autismo. Ainda segundo este mesmo autor, postula-se que o futuro do espectro dos autistas são os próprios

autistas, com a particularidade de cada um. Há algum tempo, Lacan havia proposto que o gozo do autista é um limite relativo aos efeitos do encapsulamento.

O autismo encapsulado é o que permite à criança tomar alguma coisa como corpo. Não é uma imagem que pode dar um limite, muito menos uma alma que pode dar forma, mas uma cápsula que pode se deslocar. Quando o sujeito começa um acompanhamento, pode-se notar que seu corpo é limitado por definir seu espaço de segurança face a um Outro ameaçador. A medida o acompanhamento avança, esse limite se desloca e pode até se desfazer, constituindo um espaço que não é de um nem de outro, possibilitando ao

sujeito novas trocas, articuladas com um Outro não tão ameaçador.

A psicanálise possibilita a construção de um limite que se produz na relação, sendo necessário que se introduza o espaço do “entre dois”, ou seja, para que se constitua o limite que delimita o “entre dois”, lugar de trocas. Nos autistas, o problema é que no Outro real não há buraco, sendo este, entretanto, necessário, pois, sem ele não há espaço para a falta, para a castração. Eric Laurent pontua, então, que o trabalho deve mirar a construção do limite nos autistas, e com isso poder deslocar as fronteiras daquilo que foi encapsulado como defesa contra o Outro ameaçador.

Janela Cultural

Rogério Barros

Véu de Carmim

A sensualidade feminina, a dança e o olhar. Em torno destes três temas, o espetáculo Véu de Carmim conta a história de uma jovem dançarina e suas memórias, delírios e subjetivação da violência sexual sofrida após ter sido vista dançar. A montagem teatral,

coreografada pela atriz Sara Jobard e dirigida por Victor Cayres, trabalha ainda com improvisações, tendo a dança do ventre como palco em que se estabelece um jogo interativo. Estruturada na dramaturgia de game design, a cada apresentação, quatro

cartas são retiradas pela platéia em três momentos distintos do espetáculo, definindo quais cenas se seguirão. Ao total, contabilizam-se 24 possibilidades de espetáculo as quais escondem e revelam nuances da personagem e elementos da história. As reflexões sobre a mulher, sua posição como

objeto de desejo e dejetos ganham contornos diversos no desenrolar do espetáculo.

Onde: Teatro Vila Velha

Quando: Todas as quartas-feiras até 27 de julho, às 20 horas

Quanto: R\$ 20 (inteira), R\$ 10 (meia)

Janela Informativa

Rogério Barros

Mesa Internúcleos do IPB

Acontece no dia 05 de julho de 2011, às 21 horas, a Mesa Internúcleos do Instituto de Psicanálise da Bahia. A atividade se constituirá de uma mesa redonda em que cada Núcleo de

Investigação apresentará em que momento epistêmico se encontra.

Onde: Sede da EBP / IPB

Quando: 05 de julho de 2011

Aberta ao público

1995 e AME, Bernardino Horne, coordenador da atividade que será desenvolvida em cinco meses.

Teoria da Clínica

Tem início no dia 07 julho de 2011 uma nova atividade no IPB: a Teoria da Clínica. Com intuito de promover um espaço de elaboração teórica e discussão, a cada mês serão trazidos casos clínicos para apresentação, acompanhados de comentários do AE-

Onde: Sede da EBP / IPB

Quando: Início em 07 de julho, seguidas das datas: 04 de agosto, 01 de setembro, 29 de setembro e 03 de novembro de 2011.

Quanto: Taxa de inscrição de R\$ 50,00
Entrada franca para alunos dos cursos do IPB e praticantes do CPCT.

Valentinas

Pedro R. Ivo das Neves
www.antesdoverbo.com.br

ela me pede, eu dou,
o meu melhor amor
nesta confusão

a ela não basta
as minhas lambidas demoradas
as estradas percorridas
nas paisagens coloridas que transmudam

o que quer enfim uma mulher ?
tal pergunta clássica do analista
ricocheteia nas pedras da rua
da elegante bem vestida
da outra toda nua

uma mulher não quer,
pois tem,
mas assim quer,
e no máximo uma bóia
em que se apóia e flutua,
para respirar
e depois voltar no seu mar
a imergir, a mergulhar.

sobre as ondas do infinito
sigo em meu barco/ velejar

2011-06-04

Convidamos os participantes do IPB a compartilharem com LAPSUS suas idéias, seus temas de investigação e interesse. Os trabalhos poderão ser enviados para o e-mail de LAPSUS: lapsusibp@gmail.com

Submissão de Trabalhos:

- O texto deverá vir com título, nome do autor e devidamente corrigido e revisado.
- Número de caracteres entre 2500 e 3000 com espaço.
- Fonte, Times New Roman, tamanho 12 e o espaçamento entre linhas 1,5.

*Os trabalhos publicados com assinatura não traduzem necessariamente a opinião dos editores de LAPSUS. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate de questões diversas que transitam por aqueles que integram e frequentam as atividades do Instituto de Psicanálise da Bahia.

EQUIPE LAPSUS

Anderson Viana, Ethel Poll, Julia Solano e Rogério Barros

Consultores: Bernardino Horne e Ricardo Cruz

Contato: e-mail: lapsusibp@gmail.com